

ANEXO 1. Referências Sobre Contatos Nas Diferentes Tradições e Fases Arqueológicas Cerâmicas do Rio Grande do Sul

TRADIÇÃO	FASE	DATA	AUTOR	ÁREA	REFERÊNCIA
Tupiguarani	Maquiné	AD 880±100 a AD 1430±20	Miller, 1967	vale do Sinos e litoral norte	“Cacos da fase Taquara são encontrados freqüentemente junto aos cacos da fase Maquiné, mas as nossas pesquisas não puderam até o momento esclarecer a causa dessas ocorrências, se de comércio, sobreposição ou coexistência.” (p. 16-17)
Tupiguarani	Toropi	AD 1420±120 AD 1605±105	Brochado, 1969	bacia do Vacacaí, Ibicuí e Soturno	“Na coleta superficial e no nível inferior do corte que ocupou a parte mais recente da seriação dessa fase, encontram-se alguns cacos da cerâmica típica da fase Taquara...” (p. 41)
Tupiguarani	Induá	> que Toropi	Brochado, 1969	alto Ijuí e alto Jacuí	“Num sítio situado nas cabeceiras do Jacuí-Mirim e que ocupou a extremidade inferior da seqüência, encontram-se alguns cacos de cerâmica típica da fase Taquara...evidenciando contato ou reocupação do sítio.” (p. 43)
Tupiguarani	Ijuí	AD até início das reduções Jesuíticas	Ferrari, 1983	baixo e médio Ijuí	“Descartamos a possibilidade de o Tupiguarani enfrentar fortes competidores pelo mesmo tipo de floresta subtropical. São testemunhos disso a ausência quase total de materiais culturais de outros grupos indígenas ceramistas, contemporâneos do Tupiguarani. Apenas um fragmento cerâmico da tradição Taquara foi encontrado no sítio RS-IJ-94, que pertence a etapa da subtradição Pintada da fase Ijuí.” (p. 109)
Tupiguarani	Comandai	AD até início das reduções Jesuíticas	Miller, 1969	rio Uruguai, nos municípios de Porto Xavier, Porto Lucena e Tenente Portela	“Cacos tipologicamente da fase Taquara são encontrados freqüentemente junto a cacos da fase Taquaruçu e estes junto à fase Comandai.” (p. 35)

Tupiguarani	Camaquã	890±40 AP	Naue, 1973	Rio Grande	<p>“Nas concentrações RG 2-3, RG 36-G e RG 36-I apareceu cerâmica de contato Vieira.” (p. 258)</p> <p>“O grupo de tradição Tupiguarani surgiu na mesma área (terrenos altos) por volta de AD 1000. Em seus sítios está presente a cerâmica Vieira em pequena quantidade. O contato entre os grupos parece só ter acontecido centenas de anos depois. Processou-se provavelmente em nível de simples trocas, sem a difusão recíproca de elementos culturais de importância. Entretanto o grupo horticultor parece ter influenciado o habitante dos cerritos no sentido de um maior aproveitamento da cerâmica, que aumenta consideravelmente no período do contato.” (p. 259)</p>
			Schmitz, 1976	Rio Grande	<p>“...(a tradição Vieira) depois do contato com os horticultores Tupiguarani (ao redor de AD 1000), certamente assumiram, juntamente com os elementos de cerâmica daquele grupo, também alguns dos seus cultígenos.” (p. 53)</p> <p>“O Tupiguarani e os construtores de aterros viveram lado a lado; os últimos aceitaram a cerâmica e provavelmente outros elementos dos primeiros; o intercâmbio não parece ter funcionado intensamente no sentido contrário.” (p. 54)</p>
			Rütschilling, 1989	Rio Grande, Camaquã	<p>“Em Rio Grande a tradição ocorre em quase todos os cerritos, em camadas superficiais...dentro da subtradição Corrugada, fase Camaquã. A fase apresenta uma datação pelo C14 de 840 ± 40 AP.” (p. 99)</p> <p>“Em Camaquã, a fase Camaquã ocorre nos sítios da serra ou nos terraços mais altos. Nos cerritos da planície a tradição ainda não está bem caracterizada, talvez faça parte de um período tardio onde os elementos parecem misturados ou associados com outros tipos de cerâmica.” (p. 100)</p>
Tupiguarani	Camaquã e Canguçu	fim do séc. XVIII e início do XIX para a Canguçu	Brochado, 1974	Camaquã, Serra do Sudeste	<p>“...as manifestações culturais de um e outro ambiente teriam entrado em contato ou uma delas teria extravasado sobre a área da outra.” (p. 45-46)</p> <p>“A cerâmica dos últimos ocupantes de alguns dos aterros parece uma imitação da cerâmica da tradição Tupiguarani.” (p. 46)</p> <p>“Quanto a maneira pela qual se deu esse fenômeno, tanto poderia ter ocorrido um contato com o aspecto final da cultura Tupiguarani da área, nas fases Camaquã e Canguçu e a subsequente adoção da cerâmica desta tradição pelos formadores dos aterros, como a ocupação dos aterros abandonados pelos próprios portadores da tradição Tupiguarani em sua fase final, o que, dadas as evidências é menos plausível mas não impossível.” (p. 46)</p>

Tupiguarani	Botucarai	AD 1550 A AD 1633	Ribeiro, 1991	vale do rio Pardo	<p>“Os sítios da fase Botucarai estão, inicialmente, na várzea do rio Pardo em locais planos...depois em pequenas elevações mais afastadas do rio em suaves elevações do terreno e, finalmente, mais afastados, inclusive no alto rio Pardo. Em termos de altitude...a partir dos 20 e 100 m acima do nível do mar para os 500 e 620 m...” (p. 278-280)</p> <p>A cerâmica definida como “aculturada” pertence a vasilhames e ocorre em três sítios do planalto e é associada à Taquara, fase Erveiras e Tupiguarani, fase Botucarai...” (p. 319)</p> <p>“Uma outra conclusão é de que houve um processo de aculturação entre o Tupiguarani, fase Botucarai, e a fase Erveiras em nossa região.” (p. 268)</p> <p>“As conchas do mar, registradas na fase Botucarai e Trombudo, nos indicam um contato, seja direto, seja comercial, da tradição Tupiguarani com o Oceano Atlântico.” (p. 356)</p>
Tupiguarani	Trombudo	AD 1600 A AD 1636	Ribeiro, 1991	vale do rio Pardinho	<p>“No final da fase Trombudo, encontramos vestígios de contato com o elemento europeu: contas de colar e cunha de ferro...Além disso, temos o início ou surgimento do escovado na área, nas fases Trombudo e Reduções...” (p. 530)</p>
Tupiguarani	Mondaí	-	Piazza, 1969	sudoeste de SC, noroeste do RS	<p>“Há dois casos de tradição predominantemente guarani, que apresentam cerâmica de confecção idêntica a fase não-guarani...estes casos podem ser, eventualmente, fruto de duas possibilidades: 1) comércio entre os dois grupos e, por conseguinte, há contemporaneidade entre as duas fases – Xaxim e Mondaí – ou então 2) reocupação pela fase Mondaí de um antigo sítio da fase Xaxim. Entretanto, as evidências existentes são insuficientes para aceitar uma ou outra das alternativas expostas.” (p. 64)</p>
Taquara	Xaxim	AD 975±95 AD 1520±90	Piazza, 1969	sudoeste de SC, noroeste do RS	<p>“...há evidência de contato desse grupo ceramista com o de outra cultura (trad. Tupiguarani, fase Mondaí)...” (p. 61)</p>

Taquara	Itapiranga	recente?	De Masi e Artusi, 1985	vale do Uruguai, Itapiranga, SC	<p>“Nos sítios da fase Itapiranga...encontra-se material lítico, cerâmica típica e cerâmica Tupiguarani, subtradição Corrugada...” (p.101)</p> <p>“Mesmo que no sítio da fase Itapiranga haja abundância de cacos Tupiguarani, o material lítico não permite atribuí-lo a outra tradição.” (p. 107)</p> <p>“A presença de abundante material Tupiguarani parece indicar que as populações portadoras das duas culturas estavam profundamente entrosadas, mas de forma unilateral, aparecendo o material Tupiguarani nos sítios da fase Itapiranga, mas não vice-versa.” (p. 107)</p> <p>“A fase Itapiranga representa partes da cultura de uma população do sudoeste do estado de Santa Catarina, que tinha em comum muitos elementos com outras populações do planalto sul-brasileiro e que mantinha fortes ligações com as populações da tradição cerâmica Tupiguarani.” (p. 108-109)</p>
			Schmitz, 1988	vale do Uruguai, Itapiranga, SC	<p>“...um dos sítios apresenta diversas manchas escuras com cerâmica e outros restos da tradição Taquara e, aproximadamente no centro do conjunto, uma mancha exclusivamente com cerâmica Tupiguarani.” (p. 87)</p> <p>“A chegada da tradição Taquara no local é bem mais recente que o povoamento principal do Tupiguarani, dono da área; núcleos inteiros de Tupiguarani no meio da aldeia Taquara, acentuam um estatuto de convivência dos dois grupos, que é claramente unilateral, do Tupiguarani para o meio da Taquara, nunca o contrário.” (p. 87)</p>
Taquara	Erveiras	915±145 AP	Ribeiro, 1991	bacia do rio Pardo	<p>“...houve um processo de aculturação entre o Tupiguarani, fase Botucaraí e a fase Erveiras em nossa região. Foi registrado o antiplástico Taquara em decoração e formas do Guarani, o inverso (muito raro) e a ocorrência do lítico Taquara em sítios Guarani (um caso comprovado de não haver sobreposição) são as provas de que dispomos. Portanto, nem toda a ocorrência das duas tradições em alguns sítios indica sobreposição ou intrusão. O contato, por outro lado, foi efêmero porque os vestígios são raros e em apenas três sítios do planalto...” (p. 268)</p> <p>‘A cerâmica Tupiguarani encontrada junto à Taquara deve pertencer a um período mais recente, dentro da tradição, devido a certas características: corrugado tênue, grande percentual de corrugado–ungulado, surgimento do escovado, decoração e tratamento da superfície mais tosco, pouca variedade de formas.’ (p. 271)</p>

Taquara	Erveiras	915±145 AP	Schmitz, DeMasi, Basile Becker, Martin, 1987	bacia do rio Pardo	<p>“O contato do grupo com a população Tupiguarani dos arredores é um fato comprovado e se apresenta não apenas na presença de algum material Tupiguarani nos sítios da tradição Taquara, mas na aparente justaposição, na mesma aldeia, de populações das duas tradições que, em parte, continua a produzir os seus artefatos, em parte mistura as técnicas na produção das peças.” (p. 8-9)</p> <p>“O material lítico dos seis sítios foi analisado como um todo, sendo impossível separar possíveis artefatos produzidos pela população Tupiguarani, eventualmente incorporada ou encostada nos sítios da tradição Taquara.” (p. 11)</p> <p>“Aparentemente a fase local (Erveiras) só tinha acesso às terras altas e à alta encosta florestada porque as encostas baixas e várzeas dos rios estavam ocupadas pela tradição ceramista Tupiguarani e os terrenos baixos da interface campo/floresta subcaducifólia subtropical eram o domínio de um forte grupo de caçadores da tradição Umbu (fase Rio Pardinho). Com o primeiro desses grupos, o Tupiguarani, alguns de seus assentamentos tinham contato, que poderia ser de troca de produtos, eventualmente de mulheres, mas num caso (Arcelino Silveira) parece ter havido uma convivência maior, com aldeias justapostas. Esses contatos, da tradição Taquara em direção a Tupiguarani, podem não ter sido meramente ocasionais, mas intencionais, usados para complementação econômica e serviriam especialmente para proporcionar à população da tradição Taquara mais recursos da horticultura na qual o parceiro era mais avançado. Com os caçadores da fase Rio Pardinho não parece ter havido contatos da mesma intensidade, mas a bola de boleadeira certamente vem de grupos de caçadores dos campos, hoje incorporados na tradição Umbu por causa de sua característica indústria lítica com abundantes pontas-de-projétil e raspadores, além das inconfundíveis bolas.” (p. 16-17)</p> <p>“Mentz Ribeiro e Silveira pensam que o começo da fase poderia ser no século V. A única data de C14 existente é do século XI (após calibrada, início do século XII) e parece coerente com os demais indicadores, que sugerem um desenvolvimento recente. É decisivo neste sentido o contato com o Tupiguarani, marcador de um tempo próximo à Conquista, ou mesmo posterior. O próprio material Tupiguarani associado aos sítios da fase Erveiras é claramente recente, predominando o corrugado-ungulado III, um dos melhores indicadores na cronologia do grupo no sul do Brasil...Nossa impressão da fase Erveiras é de que ela corresponde ao segundo milênio de nossa era e pode ter chegado a tempos posteriores ao começo da Conquista européia no Brasil.” (p. 17)</p>
Taquara	Guatambu	séculos II a XII AD	Miller, 1971	nordeste do RS, bacias dos rios Uruguai, Pelotas e Antas	<p>“Em dois sítios da fase Guatambu, situados no meio da seriação cronológica relativa, foram encontrados alguns cacos pintados, corrugados e unguados, de tradição Tupiguarani, representando a recíproca do que ocorre nos sítios Tupiguarani contendo cacos de cerâmica da tradição Taquara.” (p. 40)</p>

Taquara	Taquara	séculos V a XV AD	Schmitz, 1988	nordeste do RS, planalto, encosta e litoral	“As aldeias à beira das lagoas ou do Oceano...freqüentemente mostram contatos com as populações horticultoras Tupiguarani.” (p. 81)
			Schmitz, Basile Becker, LaSálvia, Lazzarotto, Ribeiro, 1988	nordeste do RS, planalto, encosta e litoral	<p>“As escavações em casas subterrâneas a que se refere esta comunicação foram realizadas no sítio RS 37/127 (Caxias do Sul)...” (p. 23)</p> <p>“A casa grande, ou casa A ...sobre a borda da casa haviam sido cavadas duas casas menores (uma com vasilha Tupiguarani)...” (p. 28)</p> <p>“Na trincheira 4, no fundo de uma depressão que se assemelhava a uma casa pouco profunda, foi recuperado um vasilhame inteiro com decoração ungluada e contorno composto, típico da tradição Tupiguarani...” (p. 31)</p> <p>“O recipiente inteiro, de tradição Tupiguarani, emborcado no fundo de uma casa subterrânea rasa não está isolado; na mesma propriedade existe um sítio (RS-38), também com casas subterrâneas, em cujos arredores se recolheu cerâmica de tradição Taquara e de tradição Tupiguarani. O fato de estar inteiro e emborcado pode sugerir que a vasilha foi aí guardada para uso na volta do grupo.” (p. 35)</p> <p>“A pequena casa da trincheira 4, com o recipiente Tupiguarani, certamente é muito mais recente (do que a casa maior contígua) e indicaria a volta do grupo ao local, mesmo depois de já manter uma simbiose com o Tupiguarani.” (p. 35)</p> <p>“Nos levantamentos feitos pela arqueóloga Jussara Louzada Ferrari (com. pessoal) apareceram, no domínio das lagoas, numerosos sítios com abundantes restos de moluscos de um período pré-cerâmico, passando a cerâmico de tradição Taquara.” (p. 49)</p> <p>“Inicialmente pensávamos que um antiplástico denso, de tamanho areia média e grossa, seria indicação de contato com o Tupiguarani, mas depois chegamos a conclusão que a variação bastante grande nos antiplásticos faz parte da tradição Taquara.” (p. 51)</p> <p>“Na letra D (p. 57) estão reunidos vasilhames de bordos infletidos, mais abertos ou mais fechados...são formas típicas da tradição Taquara e provém do planalto e do litoral. Pequenas variações na forma podem se originar do contato com o Tupiguarani.” (p. 53)</p> <p>“Naqueles locais onde está junta a cerâmica de tradição Taquara e de tradição Tupiguarani, a influência de uma sobre a outra é pequena, surgindo formas e decoração levemente desviantes, intermédias, mantendo-se, por outro lado, as formas e decorações típicas de ambas as culturas nos demais vasilhames.” (p. 54)</p> <p>“A presença do Tupiguarani nos sítios com cerâmica Taquara no litoral é um fenômeno comum...no sítio RS-8 de Romário Marques Machado há um imenso sítio Tupiguarani com milhares de cacos no mesmo local onde foi feita a coleta da cerâmica Taquara e elementos mestiços indicam que houve contato e convivência. Nos sítios nos quais esta presença não está atestada pela amostra, geralmente se trata de um problema de coletas, que são de amadores. A faixa litorânea era ocupada pelo Tupiguarani ao menos a partir de 800 dC. (fase Maquiné, Miller, 1967). Com isso o contato seria inevitável e parece ter sido pacífico.” (p. 54)</p>

Taquara	Taquara	séculos V a XV AD	Schmitz, Basile Becker, La Sálvia, Lazzarotto, Ribeiro, 1988	nordeste do RS, planalto, encosta e litoral	<p>“No planalto o encontro de material Tupiguarani junto com cerâmica de tradição Taquara não é tão freqüente...Supostamente o contato com o Tupiguarani se deu quando a tradição Taquara já estava há muito estabelecida no planalto e provavelmente no litoral. Isto parece indicado pelo fato de que nas casas subterrâneas não se notou esse contato, nem na maior parte das amostras. Semelhante contato se dá com outras fases da tradição Taquara, em tempo recente, como a Erveiras e a Itapiranga.” (p. 54-55)</p> <p>“Arenito silicificado, aparece muito raramente, no litoral, apesar de ser abundante no leito dos rios que descem do planalto. A sua pouca utilização pode ser explicada pela distância e o domínio dos rios pelo Tupiguarani. O único sítio em que aparece é de contato ou convivência com o Tupiguarani.” (p. 65)</p> <p>“O fato de que na área por nós trabalhada no planalto tenhamos encontrado um recipiente Tupiguarani inteiro dentro de uma pequena casa subterrânea e num sítio vizinho tenhamos recolhido juntas cerâmica Taquara e Tupiguarani ao lado de casas subterrâneas, faz-nos pensar que um grupo de pessoas que dominavam aquela área e aí se sentia “em casa”, já estava em simbiose com o Tupiguarani. Ora esta simbiose deu-se efetivamente e mais fortemente que em qualquer outro lugar, no litoral entre Tramandaí e Torres. Com isso a idéia de que pessoas em simbiose com o Tupiguarani no litoral tenham voltado às suas aldeias no planalto (por exemplo, para colher pinhão no outono) fica muito sugestiva para migrações entre o planalto e a planície costeira.” (p. 73-74)</p> <p>“Sobre quando e como teria surgido a simbiose com o Tupiguarani e qual o significado temos especulado frouxamente; uma complementação econômica, favorecendo mais o Tupiguarani (através da dominação da população da fase Taquara), ou favorecendo mais a população Taquara (somando a uma economia de caça, coleta e cultivo incipiente uma experiência horticultora mais efetiva) é o que nos parece mais racional. O curioso é que parece um movimento unilateral: o material Tupiguarani costuma aparecer em assentamentos Taquara e não vice-versa. Talvez no sítio RS-8 de Romário M. Machado (litoral) tenhamos a justaposição de uma aldeia Tupiguarani e uma Taquara com alguma pouca cerâmica Taquara imitando formas de cerâmica Tupiguarani.” (p. 74)</p>
Vieira	Vieira	AD 200 a AD 1750	Schmitz, Naue, Basile Becker, 1991	Rio Grande	<p>“Depois que o Tupiguarani estabeleceu aldeias nas margens da Lagoa dos Patos, ao redor do ano 1000 dC., na proximidade de Rio Grande criou-se outra simbiose como a que registramos na tradição Taquara, entre a população local e a adventícia, e os locais de assentamento passaram a estar mais próximos de terras aptas para a feitura de roças do que antes, deslocando-se da borda da lagoa para terraços mais altos.” (p. 111)</p>

Vieira	Vieira	AD 200 a AD 1750	Schmitz, Naue, Basile Becker, 1991	Rio Grande, Pelotas, Camaquã e Tapes	<p>“Nos sítios mais recentes existe, além da cerâmica de tradição Vieira, também cerâmica de tradição Tupiguarani.” (p. 114)</p> <p>“Os sítios da fase Vieira Média (do século IX ao XII) estão localizados em frente ao Saco do Arraial, sobre o terraço A ou sobre terrenos pleistocênicos. A ocupação de terrenos pleistocênicos, aptos para o cultivo, poderia indicar mudanças maiores no abastecimento por influência do Tupiguarani.” (p. 115)</p> <p>“A fase Vieira Final (do século XIII ao XVIII), em frente ao Saco do Arraial, sobre o terraço A ou terrenos pleistocênicos, encontra-se geralmente na parte superficial dos sítios da fase vieira Média e caracteriza-se pela presença de certa quantidade de cerâmica Tupiguarani.” (p. 115)</p> <p>“No começo ela é (a cerâmica) praticamente sem decoração, aos poucos a superfície externa se cobre de pequenas depressões rasas produzidas com a polpa do dedo, no final a impressão de cestaria, ou sua imitação por outras técnicas, toma certo impulso. Esta última decoração tem uma semelhança com a da tradição Taquara.” (p. 116)</p> <p>“É possível que desde antes do contato com o Tupiguarani tenha havido alguns cultivos, que poderiam ser feitos nos aterros, perto das choupanas. Após o contato com estes horticultores, que tomaram posse das florestas da Serra do Sudeste e de areais na proximidade da lagoa, há cerâmica Vieira nas aldeias Tupiguarani e cerâmica Tupiguarani nos sítios Vieira, indicando intenso contato e provável simbiose, que certamente levou à intensificação dos cultivos ou à introdução dos mesmos caso ainda não tivessem existido. Estes cultivos podem ser feitos nos areais pleistocênicos junto da lagoa, ou em pontos da serra não utilizados pelo Tupiguarani. A recente fase Piratini (Brochado, 1974), localizada em pequenos vales, cobertos com vegetação de galeria, já na periferia da floresta, poderia ser um local de cultivo do grupo Vieira na Serra do Sudeste.” (p. 118-119)</p>
Vieira	Vieira	AD 200 a AD 1750	Schmitz, Ribeiro, Naue, Basile Becker, 1970	Camaquã	<p>“O objetivo da pesquisa era estudar o contato entre os grupos meridionais representados nos cerritos e os tupis-guaranis...Supúnhamos que o limite setentrional dos cerritos deveria ser encontrado na altura do Camaquã, até onde também sabíamos que tinham chegado os tupiguarani. Existem alguns sítios deste último grupo em áreas mais meridionais, mas o contato mais intenso seria na altura do Camaquã.” (p. 507)</p> <p>“...é curioso que a cerâmica típica de Rio Grande, a digitada da fase Vieira, não seja encontrada em Camaquã...A cerâmica mais grosseira também encontra similares em cerritos e sítios erodidos de Rio Grande e São José do Norte e talvez possa ser interpretada como uma imitação mal feita da cerâmica guarani...A cerâmica unglulada, corrugada, escovada e pintada aponta para a serra e o contato com os tupis-guaranis. Como sempre se encontra na superfície 1 indica um contato tardio, ou mesmo uma ocupação dos cerritos por grupos de tupis-guaranis.” (p. 515)</p>

Vieira	Vieira	AD 200 a AD 1750	Schmitz, Ribeiro, Naue, Basile Becker, 1970	Camaquã	<p>“Colocados os materiais em ordem cronológica, teríamos a seguinte seqüência: nas primeiras ocupações dos cerritos aparecem pontas de flechas; posteriormente aparece a cerâmica escura e bem alisada, finalmente o contato com os tupis-guaranis, ou a ocupação pelos tupis-guaranis.” (p. 515)</p> <p>“Este grupo (Vieira), parece ter mantido contato com os habitantes dos cerritos, de preferência em tempos recentes, como indica a cerâmica superficial dos cerritos, que é parcialmente escovada, parcialmente corrugada e unglada, engobada de vermelho e simples, ao lado de uma cerâmica cinza escura de granulação mais fina, que é característica dos cerritos. Principalmente na corrugada aparece uma variedade que aparece em cerritos e nos sítios guaranis; a cerâmica simples grossa, mal alisada e friável poderia ser uma imitação pelo homem do banhado de cerâmicas estranhas, de preferência das tupi-guaranis.” (p. 523-524)</p>
Vieira	Vieira	AD 200 a AD 1750	Schmitz, Basile Becker, 1970	Camaquã	<p>“A cerâmica dos cerritos de Camaquã...(apesar de) certa semelhança com a dos cerritos mais meridionais, tem a maior parte dos elementos diferentes, parecendo imitações de cerâmica de tradição tupi-guarani, além de dois cacos intrusivos (um unglado tangente em linha, outro simples) de tradição Taquara; aparecem também com decorações novas, como impressão de corda.” (p. 96)</p> <p>“A cerâmica parece indicar algum contato com os ocupantes de aterros em áreas mais meridionais, mas muito mais com os ocupantes das terras altas que confinam com o Banhado do Colégio e onde estavam estabelecidas populações tupi-guarani, a maior parte da cerâmica parece ser uma imitação grosseira da cerâmica de tradição tupi-guarani, com algum acréscimo de elementos novos. A existência de dois fragmentos de cerâmica de tradição Taquara, que se desenvolveu no planalto sul-brasileiro, a mais de cem quilômetros de distância, nos faz supor também algum tipo de contato com os índios construtores de casas subterrâneas.” (p. 97)</p> <p>“O grupo localizado no Camaquã, isolado por um pontão cristalino dos moradores de Rio Grande e áreas mais meridionais, e muito próximos dos tupi-guarani ocupantes das terras altas, parece ter imitado a cerâmica tupi-guarani em vez de aceitar a cerâmica dos demais moradores dos cerritos.” (p. 113)</p>

Vieira	Vieira	AD 200 a AD 1750	Rütschlling, 1989	Camaquã	<p>“...os cerritos da planície lagunar no município de Camaquã podem ser pré-cerâmicos, contendo pontas-de-projétil líticas (tradição Umbu) ou com cerâmica de tradição Vieira, parecendo a mesma ser de uma fase tardia. Há sítios com mistura de elementos Vieira, Tupiguarani e Taquara (esse último intrusivo na região) e pontas líticas pedunculadas.” (p. 23)</p> <p>“Acreditamos que esta cerâmica é fruto do contato entre os grupos da tradição Tupiguarani, Vieira e, até mesmo, Taquara.” (p. 80)</p> <p>“A única tradição que apresenta elementos bem marcados é a Taquara, aparecendo apenas em um sítio (Sítio 1), no Cerrito da Roça...” (p. 80)</p> <p>“Em linhas gerais a cerâmica parece mostrar combinações dos elementos da tradição Vieira com a da tradição Tupiguarani.” (p. 86)</p> <p>“A presença intrusiva de elementos da tradição Taquara na região levou-nos a crer num possível contato com o povo do planalto...” (p. 86)</p> <p>“A pequena quantidade de restos, a superficialidade do material, sua heterogeneidade e manifesta aculturação em numerosos cacos sugerem que a cerâmica chegou tardiamente ao local, usada mais intensamente por grupos caçadores sem cerâmica.” (p. 86)</p>
Vieira	Vieira	AD 200 a AD 1750	Rütschlling, 1989	Camaquã	<p>“No município de Camaquã, apesar de Goldmeier e Schmitz (1983) comentarem a ocorrência da fase Vieira, julgamos insuficiente a quantidade de fragmentos cerâmicos analisados para atribuí-los às fases da tradição Vieira.” (p. 99)</p> <p>“A cerâmica parece ter chegado tardiamente às terras baixas de Camaquã. E a localidade, mesmo então, parece ter se mantido periférica com relação às áreas de origem, que é a tradição Vieira que está mais ao sul; a Tupiguarani que está na serra a oeste; e a tradição Taquara das terras altas ao norte. Nenhum desses grupos parece ter feito do local um centro importante de habitação ou utilização.” (p. 100)</p> <p>“As ocorrências cerâmicas, possivelmente, refletem um período bem recente, pois Camaquã parece ser uma “área de convergência periférica” entre os grupos ceramistas do sul com os grupos ceramistas do centro e norte do Estado, conferindo formas variadas associadas à mistura de elementos Vieira, Tupiguarani e talvez Taquara.” (p. 102)</p>

Vieira	Piratini	posterior à Conquista	Brochado, 1974	borda meridional da Serra do Sudeste	<p>“...o material lítico apresenta grande semelhança com o dos aterros da planície litorânea...vasilhas pequenas e as formas reconstruídas são muito simples, no entanto os cacos não são suficientes para afirmar se são as mesmas da tradição Tupiguarani ou outras...como nem todos os sítios tem cerâmica e além disso esta é relativamente muito menos abundante que o material lítico, poderia tratar-se da aquisição da cerâmica de tradição Tupiguarani por um grupo primitivamente sem cerâmica. A cerâmica da fase Piratini também apresenta muita semelhança com a dos aterros, excluindo-se os tipos corrugado fraco, unglado, escovado, pintado e vermelho.” (p. 34-36)</p> <p>“Como a pequena quantidade de cerâmica encontrada em alguns dos sítios da fase Piratini também parece cópia de alguns tipos da cerâmica da tradição Tupiguarani, poderia ocorrer que tanto a cerâmica de alguns dos aterros e da praia do açude como a cerâmica da fase Piratini, representassem apenas a adoção de alguns tipos da cerâmica da tradição Tupiguarani por grupos antes sem cerâmica que teriam ocupado tanto a superfície dos aterros como acampado nos sítios junto às sangas da fase Piratini.” (p. 46)</p>
			Rütschling, 1989	borda meridional da Serra do Sudeste	<p>“Brochado (1974) atribui uma possível fase tardia entre os rios Camaquã e Piratini...fase Piratini. O autor descreve a cerâmica com sendo “uma cópia rudimentar de alguns tipos de cerâmica da fase Canguçu, da tradição Tupiguarani”. Salienta também que a fase Piratini se parece com certas cerâmicas de alguns aterros.” (p. 99)</p> <p>“Goldmeier e Schmitz (1983) comentam que a fase Piratini é posterior à Conquista.” (p. 99)</p>
Vieira	Cerritos	posterior a 1200 AP	Schmitz, Naue, Basile Becker, 1991	Santa Vitória do Palmar	“O Tupiguarani não chegou nesta área carente de florestas, existindo alguns cacos apenas nos sítios posteriores ao começo da colonização.” (p. 121)
Vieira	sem filiação	-	Rütschling, 1989	Bagé e Dom Pedrito	“Os sítios apresentam cerâmica da tradição Vieira, artefatos líticos, entre eles pontas de projétil. Não tem informações sobre sítios pré-cerâmicos e sítios Tupiguani.” (p. 24)
Vieira	sem filiação	-	Schmitz, Ribeiro, Naue, Basile Becker, 1970	Departamento de Treinta y Tres	<p>“A cerâmica intrusiva de tradição tupi-guarani distingue-se da cerâmica dos cerritos (de tradição Vieira) por todos os seus elementos (pasta, coloração, forma, decoração etc.) notando-se que não é produzida pelo mesmo grupo, mas conseguida por intercâmbio. É raríssima nos aterros, aparecendo apenas alguns cacos corrugados e pintados.” (p. 109)</p> <p>“...na margem da lagoa Mirim existem sítios erodidos que apresentam basicamente os mesmos elementos que os cerritos, mas com um acréscimo de mais cerâmica de tradição tupi-guarani intrusiva...” (p. 110)</p>

Vieira	sem filiação	-	Rütschling, 1989	Departamento de Treinta y Tres	“...os aterros das áreas baixas apresentam cerâmica da tradição Vieira. As dunas ocupadas podem apresentar cerâmica Vieira e alguma Tupiguarani.” (p. 24)
Vieira	sem filiação	-	Rütschling, 1989	Departamento de Rivera	“...cerca de 100 sítios...apresentam cerâmica Vieira...Também não há informações sobre sítios pré-cerâmicos ou Tupiguarani.” (p. 25)